CRÓNICA DE UMA AMIZADE FIXE

Apresentação in UCCLA 5.12.2017

Intervenção do P. Vítor Melicias

Caríssimos, bem-vindos todos a este belo momento de celebração e vivência da amizade.

Ao ver esta sala a abarrotar e repleta de tantos e tão bons amigos, não posso deixar de repetir e sublinhar a saudação de “Caríssimos todos” e dizer “Bem hajam” por terem vindo celebrar amizade, valor maior da vida humana.

Sim, a amizade não é um mero conceito abstrato ou palavra simpática que dê título e capa de livro.

Amizade é uma força vital e um valor, que motiva e aproxima as pessoas, no mais genuíno sentido do seu belo étimo latino “*amicum*: *ad me cum*”, alguém que “*vem a mim com*”, com “alma, coração e vida”, para usar linguagem de cante alentejano, ou seja, alguém para quem “a tua alegria é minha alegria, o teu êxito, êxito meu”.

Tenho apresentado dezenas de livros, nenhum talvez, porém, tendo a amizade como mote e motor em tão elevado clima e ambiente daquela amizade, que, gerada nos tratos de infância ou nos bancos da escola ou, mais ainda, na solidariedade das trincheiras ou dos exames na Universidade, se torna força condutora de vidas.

No nosso caso, mano Vitor, uma amizade nascida nos corredores da Faculdade de Direito naqueles momentos tão profundamente solidários em que esperávamos a chamada para entrar na sala de exame, por ordem alfabética (Vítor Melícias – Vítor Ramalho), mas cimentada nas cumplicidades de ideais e sonhos de juventude pela liberdade e pela justiça, particularmente na luta contra o colonialismo e a guerra colonial.

Lembro-me de, por essa altura, ter lido numa revista em língua inglesa, já não me recordo precisamente qual, a transcrição de uma carta dirigida a sua mãe por um jovem revolucionário grego preso por lutar contra a ditadura, na qual ele dizia, mais ou menos, assim: “Bem sabes, ó mãe, porque é que teu filho está nesta cadeia. Quando um dia soarem os sinos da liberdade e da justiça, lembra-te, mãe, que o teu filho Yanis estava na corda do sino”.

Nós queríamos estar, Vitinho, (e estivemos!), cada um de seu lado, na corda desse mesmo sino. Aí cimentámos uma amizade que, nos diferentes, mas nunca afastados caminhos por onde andámos, se foi sempre reforçando em várias áreas e momentos, designadamente neste privilégio único de termos tido como amigos comuns duas das pessoas que mais marcaram a vida e história, não só de Portugal mas de toda a Humanidade: o Dr. Mário Soares e essa excelsa senhora sua esposa, mãe da democracia e dos pobres, que foi a Drª Maria Barroso.

Bom! Mas eu não vim aqui apresentar a amizade ao meu querido amigo e “mano” Vítor Ramalho nem, muito menos, a minha relação de profunda estima, admiração, apreço e infindo aplauso pelas personalidades imorredoiras de Mário Soares e Drª Maria de Jesus, sua esposa.

Vim apenas, e vou tentar fazê-lo, para transmitir e partilhar o que me ficou da 1ª leitura (digo 1ª, porque hei-de lá voltar) deste excelente e tão oportuno trabalho com que o Vítor enriquece a literatura e a memória coletiva.

O título fala por si e diz claramente de que é que se trata. Só que saber de que se trata não é o mesmo que saborear aquilo de que se trata, sorver a beleza de cada estória, vibrar com a emoção, que cada página e cada evocação nos provocam.

É por isso que ainda não tinha passado do 1º capítulo e já dava comigo a menear a cabeça na vertical e a dizer com os meus botões: “que bem que escreve o meu Vitinho”.

Já o sabia, mas a inclusão desta Crónica nos ”Temas e Debates” do Círculo de Leitores vem reforçar essa minha convicção. É que o Vítor não se limita ao aparato e requinte literário, mas conjuga arte de escrever com a sabedoria de historiar sem a pretensão de escrever história e, por isso, desperta sentimentos que, pela simples evocação de pessoas e factos constituem verdadeira homenagem. A melhor homenagem.

Aliás, num dos diálogos com o Sr. Branquinho, motorista e confidente, ao referir as intenções de preparar esta Crónica, ele mesmo confessa expressamente, a pág. 26, que esta iniciativa “é também uma homenagem. É certo que Mário Soares e Maria Barroso não precisam de homenagens de outrem para serem reconhecidos. As suas vidas e os seus nomes são, só por si, a maior homenagem que se pode prestar às suas pessoas e à sua memória.

A história destas duas vidas ímpares, vidas com maiúscula, que em boa hora e de modo tão feliz nos são aqui hoje trazidas em forma de Crónica, merecem e carecem de ser devidamente historiadas, mas não é essa a intenção deste livro.

Não sendo um livro de história, tão pouco é um romance ou uma coletânea de pequenas estórias ou narrativas do género daquelas de “quem conta um conto acrescenta sempre um ponto”.

Enquanto crónica sem a pretensão de ser livro de história, tudo aquilo que relata é história da mais pura, feita de factos vividos e plenamente testemunháveis por qualquer de nós.

Eu mesmo, nos diálogos aqui transcritos ou nas frases citadas, revejo *ad litteram sine glos*a as longas conversas sempre acompanhadas de “então como é que acha que estão as coisas?”, que ele adorava ter conosco (e nós, claro, com ele!). Penso particularmente nos 4 eclesiásticos que, isoladamente ou em conjunto, frequentávamos a sua casa e os excelentes jantares tipo tertúlia de amigos.

O grande Einstein, com a autoridade que lhe é reconhecida, terá dito: “A fé sem a ciência é cega; a ciência sem a fé é coxa” ou vice-versa.

Mário Soares, porque porventura pensava o mesmo, não tendo o que ele chamava o dom da fé, respeitava em absoluto quem a tinha, ou melhor, respeitava-a em quem a tinha. Era tolerante, um homem superior!

Aliás, o Mário Soares, que coerente e invariavelmente se afirmava “agnóstico, mas não ateu ou arreligioso”, impressionava pelo profundo respeito pelas pessoas, convicções e práticas até religiosas nas diferentes religiões.

Manifestando e reiteradamente exprimindo grande admiração pessoal, intelectual e moral por figuras como o senhor seu pai (e que grande senhor!) **Dr. João Soares**, cuja foto e memórias de eclesiástico conosco compartilhava sempre (mas sempre mesmo!) com orgulho e devoção de filho a pai extremoso.

Ou como **S .Francisco de Assis**, o homem do milénio, cuja conhecida Oração da Paz (depois de, talvez por sugestão de sua mulher, me ter pedido o texto) incluiu num dos seus discursos em Itália a convite da Comunidade de S. Egídio, de que era amigo e cúmplice.

Ou ainda como a do **Papa Francisco**, que recorrentemente associava a Obama, como duas grandes esperanças para a viragem de que o Mundo tanto necessita, designadamente na ordem moral.

Ou também, o **Cardeal António Ribeiro** com quem, como fez questão de deixar escrito, teve vários encontros, mais ou menos clandestinos, em defesa da democracia e da laicidade do Estado, de modo a preservar a liberdade religiosa e a evitar que se repetissem após o 25 de abril antigos erros de combate à Igreja e à liberdade dos crentes.

D. Manuel Martins, bispo de Setúbal, Abbé Pierre (que recebeu em Belém em encontro para o qual tive a honra de ser convidado) ou o cónego anglicano John Humphreys (que condecorou com elevado grau da Benemerência, em consciente manifestação de pluralismo religioso) são outras das figuras que testemunham o seu sentido de tolerância e abertura de espírito.

Tudo isto sem esquecer o respeito, quase admiração, pela reviravolta e fidelidade de fé da Drª Maria de Jesus, à qual se me referia sempre com delicadeza dizendo: “a minha mulher está muito religiosa, mas eu ainda não fui bafejado pela fé”.

A propósito disso e do seu proverbial sentido de humor, recordo um dia em que me chamou a Belém, já não me lembro para quê, e, quando cheguei, o funcionário, que nos acolhia sempre com enorme simpatia, disse-me: “ó Sr. P. Melícias, desculpe, mas o Senhor Presidente foi a um velório e está um bocadinho atrasado”. Julgo que era no funeral do seu camarada Oneto, na igreja de S. Sebastião da Pedreira, e aguardei calmamente.

Quando, daí a momentos, entrou pela antecâmara, onde eu esperava, disse-me de imediato: “Sabe? A minha mulher anda muito religiosa, mas eu ainda não tive o dom da fé”. E eu, reparando que ele tinha dois pingos de cera nas calças, talvez por algum incidente no velório, disse:” Ó Senhor Presidente, não tenha pressa, o Senhor já anda com cera nas calças!. Uma, aliás, duas sonoras gargalhadas, que outras vezes repetimos ao evocar o episódio, dizem bem do seu sentido de humor e do seu respeito pelo outro.

Sendo (e não tendo rebuço de o repetir) admirador da Doutrina Social da Igreja, entre outras manifestações era sincero quando num dos seus portentosos artigos no Diário de Notícias elogiou D. Januário, Frei Bento Domingues e outros pela coerência na fé e empenhamento na defesa dos direitos e dos valores humanos. Ele era, sem qualquer dúvida, um humanista universalista e tolerante!

Essa era, de facto, uma daquelas que Vitor Ramalho, aqui a pág. 161, chama as marcas do seu caráter, das quais em vários passos destaca a frontalidade; a coragem; o amor à liberdade e à democracia; o fazer sempre aquilo que tem que ser feito; ser rigoroso, nunca deixando de dar ponto sem nó; apresentar-se coerentemente como “republicano, socialista e laico” ou seja, digo eu, como verdadeiro democrata; dotado de “rara intuição”, como dizia Medeiros Ferreira; com total ausência de rancor; amigo do seu amigo; e tão respeitador que, mesmo sendo agnóstico, não deixou de cumprir fielmente o pedido de seu Pai para, após a sua morte, mandar celebrar 500 missas por sua alma.

Tudo isto, sem prejudicar, antes reforçando, a verdade histórica, é narrado nesta Crónica de uma Amizade, (crónica necessariamente afetuosa porque “*on ne voit pas bien qu’avec le coeur”)* com precisão e com toda a naturalidade e verdadeira amizade.

Não é por acaso, nem sem razão, que ao largo dos 10 capítulos destas 205 páginas, além de uma dúzia de vezes o tratar por “o mais velho” (com toda a ternura africana que a expressão comporta), Vítor Ramalho se refere 96 vezes a Mário Soares como “o meu amigo” e várias outras a Maria Barroso como “a minha querida amiga”.

Isto não faz do texto uma Cantiga de Amigo, ao jeito da nossa literatura medieval, mas antes, como aqui se diz a pág. 26, “é como se fosse uma crónica a partir de factos”. Eu diria, têm sabor a cantiga porque são estórias feitas de vida, são vidas ditas em estórias

Salientando que são “vidas ditas”, recordando aquela história de dois famosos teólogos discutindo sobre difíceis temas da teologia, assim do tipo Santíssima Trindade e coisas do género, quando um deles, vendo o esforço explicativo do outro, disse: “olha lá, tu percebes mesmo o que me estás a explicar?” “Eu não, respondeu o outro. Se percebesse não te explicava, dizia-te.”

O Vítor não explica, diz.

E, dizendo, faz história. História narrada com alma. Ou seja, com afetividade.

Não digo “com afeto”, porque, do uso e abuso que da palavra se faz, o afeto descaraterizou-se, está mesmo em risco de se banalizar. Hoje tudo se diz afeto e tão pouca coisa é afetuosa.

Aqui, porém, há afetividade, da verdadeira, daquela que é preciso reaprender. Até em política.

Não caindo na tentação tão comum em agiografias, autobiografias e até em antigos cronistas oficiais, que enalteciam e adjetivavam para criar mitos e heróis, mais ou menos lendários, o texto que tenho a alegria de vos apresenta, usando o clássico convite feito a S. Agostinho “*Tolle, lege*”, sendo verdadeira ode à beleza de viver e de viver por valores e por causas é, isso sim, um hino à Amizade e um serviço à História.

Esta arte de fazer história dizendo humanidade com o coração, ou seja, com inteligência emocional, não estorvou, antes impôs, que o Vitor aqui prestasse justíssima homenagem também à Osita, a António Janeiro, Gentil Viana, Jorge Campinos, Pepetela, aos amigos da Casa dos Estudantes do Império e a tantos outros que exaustivamente menciona como amigos, incluindo eu próprio. Obrigado, mano. A amizade não se agradece, a simpatia sim. Foste muito simpático comigo. Bem hajas.

Esta Crónica de amizade e de preito aos amigos é na verdade um livro onde a história também se apresenta como mensagem.

Sim, mensagem. Mensagem que, como não podia deixar de ser, é também política em prol dos Direitos Humanos vividos em Liberdade, Igualdade e Fraternidade É assim que recorrentemente, ao fluir do texto, nos é patenteada a fidelidade absoluta aos ideais da democracia, do socialismo democrático e da verticalidade, com que, por exemplo, são denunciadas as opções “irrevogáveis”, que só valem no momento, a venda a desbarato de empresas estratégicas e de valores nacionais a capitais e interesses estrangeiros, ou a atitude daqueles ex- militantes partidários, que, para justificar apoio ou inclusão em listas de candidaturas independentes, glorificam o que antes condenavam relativamente ao papel dos partidos.

Por tudo aquilo que de vós se evoca e pelo muito mais que fizestes a bem da Humanidade, honra e glória aos vossos nomes, Dr. Mário Soares e Drª Maria Barroso, queridos amigos. Paz eterna ás vossas almas.

E tu, Vitinho, bem mereces parabéns e um grande obrigado. Obrigado pelo que fizeste. Parabéns pelo modo como o fizeste.

Parafraseando o Dr. Mário Soares, que tantas vezes ao longo dos anos, e designadamente no vosso derradeiro encontro, te chamou “o grande Vítor”, também eu desejo concluir, interpretando o sentimento geral e, dizendo “o grande Vítor é bué da fixe!” Parabéns. Venha de lá um abraço.

P. Vitor Melicias, OFM